

RESENHA/*REVISIÓN*/REVIEW

DANIELLA RODRIGUES
JULIANA ALVES ASSIS

(ORG.)

No *ritmo* do texto

Questões contemporâneas de edição,
preparação e revisão textual



**NO RITMO DO TEXTO. QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS DE EDIÇÃO,
PREPARAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL**

EN EL RITMO DEL TEXTO. CUESTIONES CONTEMPORÂNEAS DE EDICIÓN, PREPARACIÓN Y
CORRECCIÓN TEXTUAL

IN THE RHYTHM OF THE TEXT. CONTEMPORARY ISSUES OF EDITING, PREPARATION TEXTUAL
AND PROOFREADING

Resenhado por
Luiz Augusto Ely*
Universidade Federal do Paraná

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; ASSIS, Juliana Alves (org.). *No ritmo do texto*. Questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual. Divinópolis: Artigo A, 2019. 180p.

*Doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob orientação da Profa. Dra. Lígia Negri. Atualmente, recebe bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: luizaugustoely@gmail.com.

Nos dias 13 e 14 de novembro de 2019 aconteceu, nas dependências do Instituto de Educação Continuada da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (IEC PUC Minas), da Escola de *Design* da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e também no auditório da Academia Mineira de Letras o *IV Fórum Nacional sobre a Formação e a Atuação Profissional do Revisor de Textos*, evento organizado diante de uma parceria entre a PUC Minas e o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), duas instituições mineiras dentre aquelas que têm se dedicado a pesquisar o contexto e a formar profissionais do texto e da edição.

O evento, que em 2019 completou dez anos de existência, retornou nesse mesmo ano a Belo Horizonte (MG), cidade onde foi realizada a primeira edição no ano de 2009, tendo passado posteriormente por Vitória da Conquista (BA) em 2015 e por São Carlos (SP) em 2017. Diante desse breve contexto, é possível apreender que o evento configura-se como uma das principais instâncias de discussão sobre as práticas de edição e revisão de textos no Brasil, uma vez que tem como propósito reunir estudantes, docentes e profissionais do mercado editorial, ocasião em que é estabelecido um momento de encontro e de intercâmbio para que discussões possam fomentar a partilha de conhecimentos e experiências, a partir de espaços de reflexão e ação onde a atividade de revisão de textos está posta como campo do saber, tanto dentro quanto fora do ambiente acadêmico.

Durante a quarta edição do Fórum foi lançado o livro *No ritmo do texto*, tendo como organizadoras a Profa. Dra. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues e a Profa. Dra. Juliana Alves Assis, ambas docentes da PUC Minas. Esse é o quarto volume da série *Questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual*, idealizada pela Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro, do CEFET-MG. Disposta em 180 páginas, a obra é composta de um prefácio, uma apresentação e cinco capítulos.

O prefácio, assinado por Jane Quintiliano Guimarães Silva, ressalta de forma sucinta, mas não menos relevante, aspectos que serão abordados em todos os textos que compõem esse livro. Tomando o revisor como protagonista, são destacadas dimensões da relação entre esse personagem e as tramas que envolvem um texto. Tendo em vista os papéis multifacetados que um revisor pode desempenhar, sobretudo quando consideramos a diversidade de gêneros textuais/discursivos com a qual terá que lidar, os capítulos que estão aqui dispostos, conforme Silva, não desenvolvem uma única direção; ao contrário, abordam capacidades diversas de leitura, pesquisa e escrita, não estando essencialmente vinculados a um único domínio discursivo, além disso, esse livro contribui, de modo geral, para o debate que abrange o processo de escrita e revisão de textos.

A apresentação da obra, intitulada *Autoria, texto, revisão*, é assinada pelas organizadoras do volume e nos contempla com uma reflexão em relação à atuação do revisor de textos e de como se configura a sua atividade profissional. Para Rodrigues e Assis, revisar, rever, corrigir, reescrever, reler, melhorar, emendar, limpar são ações desempenhadas por sujeitos que apontam e demarcam características de indivíduos que, muitas vezes, donos de perfil acadêmico-profissional diverso, são vistos como aqueles que detêm vasto conhecimento da norma padrão da língua portuguesa. As organizadoras salientam ainda que a proposta do conjunto desses textos aqui reunidos é debater sobre a atividade de revisão de textos, diante de questões que, em certa medida, são inerentes à relação que é estabelecida entre autor e revisor; além disso, contemplam o leitor com uma breve reflexão acerca da noção de autoria, com embasamento em nomes como Possenti, Foucault, Chartier, Barthes e Bakhtin, em que é possível vislumbrar a noção da escrita como um processo não acabado: “[...] nessa perspectiva, a escrita é uma das funções discursivas do sujeito, por meio da qual podemos fixar marcas de sua subjetividade ou de sua autoria” (RODRIGUES; ASSIS, 2019, p. 13).

Tendo isso em vista, passamos então ao primeiro capítulo do livro, intitulado *Sobre tipos de revisão textual e suas redes enunciativas: uma proposta bakhtiniana*, de autoria de Adail Sobral e Vanessa Barbosa. Aqui, temos como questão central a ser discutida o sistema de lugares na atividade de revisão, ou ainda as redes de enunciação que essa atividade pode instaurar, em que os autores apontam que não serão abordados os aspectos técnicos, já que, segundo eles, tais aspectos são meios para um fim e, o que mais lhes interessa, é o fim para que servirão esses meios. Ao considerar que revisamos discursos e não apenas textos, Sobral e Barbosa (p.20-21) sinalizam que

Revisar vem do verbo latino *revisere*, que significa rever, examinar novamente, corrigir, emendar, verificar. Logo, supõe que antes de tudo se veja, para então re-ver. Por isso, o campo coberto pelos verbos *rever* e *revisar*, ver de novo e visar outra vez, respectivamente, se faz presente em toda e qualquer atividade de elaboração de textos, e não apenas o que popularmente é designado por revisar,

isto é, rever o texto alheio já pronto, ou quase pronto. Em outras palavras, a revisão ocorre já ao longo do processo de elaboração.

Além disso, entendendo a atividade de revisão de texto de fato como um processo, Sobral e Barbosa (p.24-25) categorizam, em alguma medida, os tipos gerais de revisão textual em que visam estabelecer a indicação de diferentes modalidades. Os autores propõem seis categorias:

- Revisão em ação: a revisão do autor;
- Revisão profissional estrita: a revisão do revisor profissional;
- Revisão indicativa: a revisão do organizador de publicações (e, eventualmente, de pareceristas que auxiliam o organizador);
- Revisão especializada: a do orientador e das bancas de avaliação de monografias;
- Revisão avaliativa: a dos editores e dos pareceristas de revistas acadêmicas, *ad hoc* ou membros de corpo editorial;
- Revisão bilíngue: a revisão de traduções, pelo autor e pelo revisor e/ou editor.

No segundo capítulo, elaborado por Celso Fraga da Fonseca e cujo título é *Questões ortográficas em torno do Acordo de 1990*, temos uma reflexão em que, embora as questões ortográficas possam ser vistas como mera aplicação de suas regras, o autor elabora uma análise de tópicos que, ao seu ver, são problemáticos e que são suscitados pelo Acordo Ortográfico de 1990. Vale lembrar que o Acordo foi assinado em 1990, em Lisboa, juntamente com outros Estados-Membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) para padronizar as regras ortográficas, tendo sido ratificado pelo Brasil em 2008 e implementado sem obrigatoriedade em 2009. Após controvérsias, o Acordo que inicialmente entraria em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013 está de fato vigente desde 1º de janeiro de 2016. Nesse artigo, Fonseca discute pontos de interesse para profissionais do texto, relacionados ao emprego de letras, à acentuação gráfica e ao emprego do hífen, trazendo à tona uma tensão sempre presente entre autor(es) e texto(s): a língua viva e a língua prescrita. Segundo o autor (p.43), é preciso, sempre que possível, indicar caminhos que possam orientar tomadas de decisão, já que “Para o profissional do texto, é sempre trabalhoso lidar com múltiplas grafias, pesquisando e cotejando dicionários bem como outras fontes de consulta, e um pouco mais difícil ainda é lidar com múltiplas possibilidades de grafia, quando se trata de formas não dicionarizadas.”

No terceiro capítulo, intitulado *Revisão e criação literária: diálogos possíveis*, Raquel Beatriz Junqueira Guimarães e Elzira Divina Perpétua abordam as especificidades do texto literário, tomando por parâmetro o trabalho do revisor. Para empreender essa análise, trazem recortes de textos literários em prosa e em verso, em que trilharam um caminho onde demonstram como o texto literário, à margem de sua singularidade, também pode ser beneficiado pelo olhar do revisor. Para as autoras (p.83-84),

O revisor do texto literário está exposto, pois, a uma variedade extrema de formas e modos de circulação da literatura. Deve-se salientar que não é possível estabelecer, categoricamente, uma característica predefinida para cada uma das formas literárias em prosa. Por essa razão, vamos tratar de elementos gerais da narrativa que poderão ajudar a refletir sobre o fazer do revisor quando diante de um texto em prosa narrativa e ficcional.

Para tanto, em seu artigo, Guimarães e Perpétua trazem observações em que procuram demonstrar que, ainda assim, o texto literário pode ser aperfeiçoado pelo revisor, mesmo que as regras de intervenção não sejam previamente conhecidas, estabelecidas. É preciso ter em vista, portanto, que cada obra possui sua singularidade e é ela que deve guiar os olhos e estabelecer os limites do trabalho do revisor.

No quarto capítulo, *Multifaces da formação acadêmico-profissional do revisor de textos*, Ev^a Ângela Batista Rodrigues de Barros aborda o processo de formação inicial de futuros revisores de texto, na graduação em Letras, e os conflitos que o perpassam; Motivada pelas frequentes dúvidas dos estudantes quanto aos papéis e limites do revisor em vistas de poder obter um manual de boas condutas profissionais, a autora discorre sobre diferentes fatores que concorrem para a impossibilidade de que sejam elaboradas receitas para o trabalho profissional do revisor. Segundo Barros (p.108),

Como se inscreve num contexto sócio-histórico e político, o ofício do revisor caracteriza-se como um trabalho extremamente antigo, porém ainda hoje pouco oficializado - e essa frágil profissionalização remete a aspectos mais objetivos (remuneração do trabalho realizado) e a outros, de cunho subjetivo, que dizem do que seja e do quanto vale (em termos de valorização pessoal e social) o profissional que se dedica à prática da revisão textual.

O quinto e último capítulo é redigido por Máira Avelar e tem como título *A atividade de revisão freelance: limites e desafios das intervenções em textos acadêmicos*, em que são analisadas quatro revisões de um mesmo resumo acadêmico, realizadas no âmbito das atividades de uma disciplina de prática de revisão de textos. A autora nos brinda com uma reflexão instigante acerca das ações desse profissional, cujos impactos denunciam-se tanto na reconfiguração do texto revisado quanto nos percursos de leitura instaurados a partir dessa nova configuração. Essa atividade desenvolvida por Avelar tomará por princípio os limites de intervenção que o revisor pode realizar no texto (p.159), propostos por Ruiz (2010). São eles:

- Intervenção resolutiva, em que o revisor resolve os problemas que detecta no texto;
- Intervenção indicativa, em que o revisor marca os problemas que detecta no texto;
- Intervenção classificatória, em que o revisor utiliza metalinguagem para indicar os problemas que detecta no texto;
- Intervenção interativa, em que o revisor sugere mudanças e discute aspectos do texto com o autor.

Tendo isso em vista, no sentido de estabelecer uma devolutiva aos profissionais em formação, Avelar traz ainda em quais níveis essas intervenções propostas por Ruiz (2010) podem ser operadas. São três tipos, entendidos como modalidades, já que correspondem a aspectos distintos a serem revisados em um texto, podendo um inclusive ocorrer concomitante a outro. A primeira modalidade é denominada de Revisão gráfica, em que são abordadas questões relacionadas à apresentação e à composição visual e material do texto; já a segunda é a Revisão normalizadora: aqui são consideradas questões acerca da adequação às normas bibliográficas e editoriais; por fim, temos a Revisão temática: que preceitua que devem ser abordadas questões relativas à propriedade e à consistência das formulações de um texto, em função de um determinado sistema de conhecimento.

Ainda que o conjunto de trabalhos trazido pela obra apresente um panorama que possa parecer sucinto, o livro como um todo brinda o seu leitor com diferentes abordagens tomando a atividade de revisão de textos como mote para discussão. Os artigos aqui reunidos reiteram a natureza discursiva que caracteriza o ofício do revisor, tido como um operário do texto, demonstrando que as intervenções no texto alheio sempre geram/provocam efeitos de sentido. Por conta disso, diante de uma conjuntura particularmente difícil para as instituições de ensino e pesquisa e, sobretudo, para a área cultural no Brasil, é preciso ter em mente a tarefa essencial de buscar horizontes outros para lidar com as questões laborais, econômicas e políticas com as quais o tempo presente nos interpela, sobretudo quando consideramos uma atividade pouco prestigiada como a revisão de textos. Eis, então, a contribuição desse livro.

REFERÊNCIA

RUIZ, E. D. *Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa*. São Paulo: Contexto, 2010.



Recebida em 08/08/2020. Aceita em 31/01/2021.